

3 POEMAS

As ondas fazem-se às imagens, a manhã
do sol caindo os raios
esticam-na
na água despenteada.

O macho cujo peito em poderosos
e lentos haustos é
para melville o mar
do sol servem-lhe os raios de cabelos.

•

É terra doutro o corpo dum rapaz, o leite amarrotado
nele o incêndio corre contra os flashes, mínimo
de terra o poço da alegria.

As paisagens os miúdos reúnem-nas com a boca,
a miniatura delas é o seu rosto. Voltam-se as paisagens como as páginas.

Um deles, força macia, ensanguentado e verde inquina-se na luz,
uma fralda de incêndio há-de escorrer-lhe pelos lábios.

Eis o rosto, eis o poço, põem-se as imagens como toalhas,
as pequenas pedras deflagrando.
Os miúdos a nudez destrói-os nesses lábios.

•

E assim ficava olhando o muro. Não atentava então na claridade em que a casa e a terra a essa hora faleciam, nos fragmentos vários do horizonte de que a luz fazia um jogo insuportável. Tão pouco em como a sublevação das paisagens é matéria da linguagem, tão pouco nisso ele atentava ao colocar o olhar no muro, outro suporte procurando, a ele idêntico, no leite à superfície do qual pequeninos nós de fezes eclodiam, nós que com uma vara ele agitava e perturbava com fascínio. Metade do seu rosto entrava pelas paisagens, era prisioneira da fabulação de que apenas os animais o libertavam contra a face lhe quebrando imagens fortes — as fezes imiscuindo-se no muro, a luz uma infecção que alastra pelo leite, a vara de agitá-lo desviada desse ofício. Estranhos actos cometia ele então, deles o mais minucioso sendo a introdução de mínimos calhaus nos intestinos.